

1. Introdução

Com este trabalho, objetivamos pesquisar o conceito winnicottiano de criatividade, tendo como pano de fundo o atual panorama social. A hipótese é a de que a sociedade contemporânea, de forma geral, tem potencializado uma situação de embotamento criativo, uma vez que as características fundamentais ao viver criativo, como a confiança, o amparo e o espaço para a singularidade do sujeito, parecem hoje dificultadas pelo cenário sócio-cultural. Como consequência, a experiência subjetiva contemporânea apareceria atravessada por sentimentos de vazio existencial, por certa fragilidade nas relações objetais, e pelo desengajamento na vida, características estas próprias de um viver não criativo. Em suma, propomos pensar a relevância da concepção winnicottiana de criatividade no entendimento do mal-estar contemporâneo.

Em Winnicott, a criatividade relaciona-se ao necessário intercâmbio entre os mundos interno e externo, entre o que é da ordem do subjetivo e o que é da ordem do objetivo. Diz respeito à maneira como o sujeito lida com o mundo, sendo este participante e imprescindível à experiência criativa e, portanto, sentido por ele como um aliado, e não como algo instável ou ameaçador. Para que a criatividade possa ganhar vida é necessário que o meio ofereça condições adequadas. No início esta função é desempenhada pela mãe, que, ao ir de encontro às necessidades do bebê, lhe permite ter a ilusão de criar o que, de fato, existe na realidade. Esta primeira experiência criativa, vivida por um tempo suficiente, permite que se desenvolva no sujeito a crença de que ele pode encontrar no mundo aquilo que ele deseja ou necessita, sendo, portanto, o que o possibilita acreditar e engajar-se verdadeiramente na vida. Sendo assim, a criatividade participa do processo de construção do sentido de realidade, tal como do processo de constituição subjetiva. É ela que permite ao sujeito dotar a vida de valor e fortalece o sentimento subjetivo de existência.

Por outro lado, falhas ambientais podem acarretar em prejuízos à criatividade e, ao invés de uma relação de intercâmbio com o mundo, o sujeito pode passar a submeter-se ou adequar-se em demasia a um mundo sentido como ameaçador e falho. Disto resulta que o que há de mais original e verdadeiro no sujeito fica oculto, e ele passa a reagir, a subordinar-se ao meio, ao invés de tecer

uma relação de troca empreendida a partir de si mesmo, ou melhor, de seu verdadeiro self. Dito de outro modo, o ambiente ganha um destaque desproporcional, e o sujeito apaga-se ou esconde-se em suas defesas. Ao invés de sentir-se, de algum modo, criando o mundo, o sujeito passa a sentir-se sendo por ele controlado e, digamos assim, criado. Nestes casos a alternativa a ser seria reagir, ao invés de uma vivência baseada em um verdadeiro self criativo, ocorreria uma vida reativa, submissa, vazia, baseada em uma falsa existência.

Embora Winnicott teorize sobre os primórdios do processo de constituição subjetiva e sobre a emergência da experiência criativa durante a relação inicial mãe-bebê, vale lembrar que a importância do meio, na teoria winnicottiana, não se restringe a este momento inaugural. Ao contrário, para Winnicott, é necessário continuar havendo um bom encontro entre as necessidades singulares do sujeito e a adequação do meio ao longo da vida, de modo que experiência criativa e o processo de enriquecimento subjetivo permaneçam como possibilidades. Assim, ao fazermos a correlação entre o suposto embotamento criativo dos dias de hoje e o momento histórico atual, estamos justamente ressaltando o aspecto da teoria winnicottiana relativo à importância do meio para a experiência dos sujeitos e, mais especificamente, sua importância em possibilitar (ou não) a experiência criativa.

A suposição de haver hoje determinada dificuldade na utilização do potencial criativo deu-se a partir da constatação de certa proximidade entre o que nos dizem os cientistas sociais e grande parte dos psicanalistas sobre a experiência dos indivíduos hoje. Apesar de pertencerem a campos teóricos distintos, chamamos a atenção o fato das duas vertentes apontarem para o mesmo fenômeno, que chamamos aqui de embotamento criativo, o que, em nosso entendimento, leva a crer tratar-se de um fenômeno característico dos dias de hoje, ou melhor, de um fenômeno potencializado pelo contexto histórico atual.

Nas ciências sociais a principal postulação é que há hoje um enaltecimento do plano individual, o que ocorre em paralelo ao enfraquecimento dos suportes sociais, até então balizadores das identidades e condutas. Tal cenário teria por corolário a fragilização do próprio indivíduo, tanto em função de encontrar-se hiper-investido e convocado, como pelo esvaziamento das estruturas de amparo e suportes sociais. Diante disto, é postulado que o cenário hoje seria um cenário eminentemente de incertezas (Bauman, 1998), e que a experiência do indivíduo

contemporâneo seria perpassada, em muitas das vezes, por sentimentos de insuficiência, vazio, apatia e por certo desinvestimento da vida (Ehrenberg,1998; Lipovetsky,1983). Ou seja, acredita-se que o empobrecimento dos suportes sociais, e a crescente demanda de autenticidade e iniciativa, estariam levando à fragilização dos indivíduos, que tendem a sentirem-se inseguros, hiper-solicitados e desamparados, sendo isto correlato do crescimento de casos que envolvem a apatia, a depressividade e o esvaziamento existencial.

Por sua vez, autores da psicanálise também têm teorizado a respeito de mudanças percebidas na prática clínica, constatando um aumento em quadros que envolvem sintomas depressivos e transtornos narcísicos, assim como uma tendência ao empobrecimento dos vínculos e investimentos objetivos (Garcia,2004; Mello Filho, 2003, Maciel, 2003). De maneira geral, parece haver uma concordância de que o mal-estar hoje está mais próximo de um vazio subjetivo, de um enfraquecimento do que é da ordem do “verdadeiro self”, do que de um sujeito culpado e conflituado, como postulado por Freud em 1930. A partir de contribuições sobre a clínica contemporânea, procuraremos demonstrar que grande parte do sofrimento psíquico atual assemelha-se à descrição winnicottiana sobre a perda ou dificuldades infligidas ao viver criativo, o que corrobora com a hipótese de ser a teoria winnicottiana de criatividade privilegiada na escuta e compreensão destes casos. Maciel (2003) e Mello Filho (2003), que também acreditam e teorizam sobre a exacerbação do embotamento criativo na contemporaneidade, nos ajudarão a endossar esta tese.

Em suma, tanto cientistas sociais como psicanalistas parecem chegar a uma mesma constatação de haver hoje certa fragilização nos contornos do eu, ou melhor, de que os sujeitos tendem a sentirem-se esvaziados, apáticos e a desinvestir a vida. A teoria winnicottiana de criatividade parece privilegiada para pensar este estado de coisas, já que trata da possibilidade humana de acreditar na vida dotando-a de valor, sendo a criatividade o que fortalece no sujeito o sentimento de existir, de ser si mesmo – o que, justamente, aparece enfraquecido nos tempos atuais. Além disso, tal teoria ainda nos ajuda a articular estas duas vertentes aparentemente distintas, a social e a psíquica, ao levar em consideração a natureza do meio no processo de constituição subjetiva e a influência do fator experiencial sobre a subjetividade. Sendo assim, ao longo deste trabalho, procuraremos atestar que há uma relação entre o atual contexto sócio-cultural e o

aumento de determinadas configurações psíquicas, e enfatizar que a teoria winnicottiana sobre a criatividade, ou melhor, sobre o revés de uma experiência criativa, parece privilegiada no entendimento de grande parte da experiência subjetiva contemporânea.

No primeiro capítulo, discorreremos sobre o conceito de criatividade em Winnicott, assim como sobre os conceitos periféricos que dão suporte à sua teoria. Isto porque, para Winnicott, a criatividade é uma potência inata, que, porém, precisa de determinado amparo do meio para transformar-se em experiência, sendo que somente mediante este ambiente adequado ela pode ganhar vida. Sendo assim, o conceito winnicottiano de criatividade só pode ser compreendido se concebido como intrinsecamente ligado a outros conceitos, como os conceitos de preocupação materna primária e de mãe suficientemente boa. Neste sentido, faremos primeiramente uma exposição destes conceitos, de modo a mapear o solo necessário à experiência criativa. Em seguida passaremos especificamente ao conceito de criatividade, dando ênfase ao fato de ser a criatividade a responsável pela possibilidade de o sujeito acreditar e investir na vida, além de destacar sua importância no percurso que leva à construção do objeto objetivo e à possibilidade de o sujeito usar criativamente os objetos.

Com o segundo capítulo, sobre o fracasso ambiental e os prejuízos à criatividade, pretendemos demonstrar as conseqüências que um ambiente falho pode acarretar ao uso do potencial criativo. Para tal, começaremos tratando do que estamos entendendo por falha ambiental na teoria winnicottiana, sendo este considerado um ambiente não suficientemente bom. Como características principais deste ambiente, destacaremos a não adequação e atendimento às necessidades do bebê, a não legitimação de sua singularidade, e um ambiente por demais instável, omissivo ou invasivo. Todos estes casos de falha ambiental acarretariam prejuízos à criatividade, podendo levar ao sentimento de vazio existencial e a perdas no âmbito do viver criativo em geral.

Veremos, assim, que o reverso de uma vivência criativa, a qual fortalece o sentimento de existência e dota a vida de valor, aparece sob a forma de sentimentos como os de irrealidade, futilidade e falta de um verdadeiro interesse e investimento na vida – o que parece tão ilustrativo da experiência contemporânea. Este ponto é crucial para o presente trabalho, posto que vincula o sentimento de vazio existencial ao embotamento criativo e às falhas ambientais. Isto nos ajudará

a pensar de que modo o desamparo experienciado pelos sujeitos no cenário atual pode estar redundando na fragilização do sentimento de existência, no vazio existencial e no desengajamento na vida, ao contrário da tão necessária vivência criativa.

Por fim, o terceiro capítulo tem por objetivo mapear tanto o que nos dizem os cientistas sociais sobre o contexto sócio-cultural e seus reflexos sobre os indivíduos, como o que nos dizem alguns autores representativos da psicanálise atual, que, baseados em suas experiências clínicas, percebem mudanças nas configurações psíquicas e sintomas mais encontrados atualmente. Com tal mapeamento, procuraremos demonstrar haver uma articulação entre as inferências de ambas as vertentes teóricas, isto é, entre as apreciações dos cientistas sociais a respeito do cenário atual, e as constatações de psicanalistas sobre o aumento de determinadas patologias ou configurações psíquicas hoje. A hipótese é que o cenário contemporâneo não tem facilitado a experiência criativa, pelo contrário, estaria potencializando o sentimento de desamparo e de vazio existencial no plano subjetivo, o que ajudaria explicar as mudanças percebidas nas formas de expressão e sofrimento psíquicos da atualidade.

Partindo desta suposição, de que há hoje certo empobrecimento no âmbito do viver criativo, pretendemos ressaltar a importância da teoria winnicottiana sobre a criatividade para a clínica psicanalítica hoje, tanto por ser esta um instrumento privilegiado para a escuta destes sujeitos, como também porque nos permite pensar as influências do contexto social mais amplo para a potencialização deste cenário.